

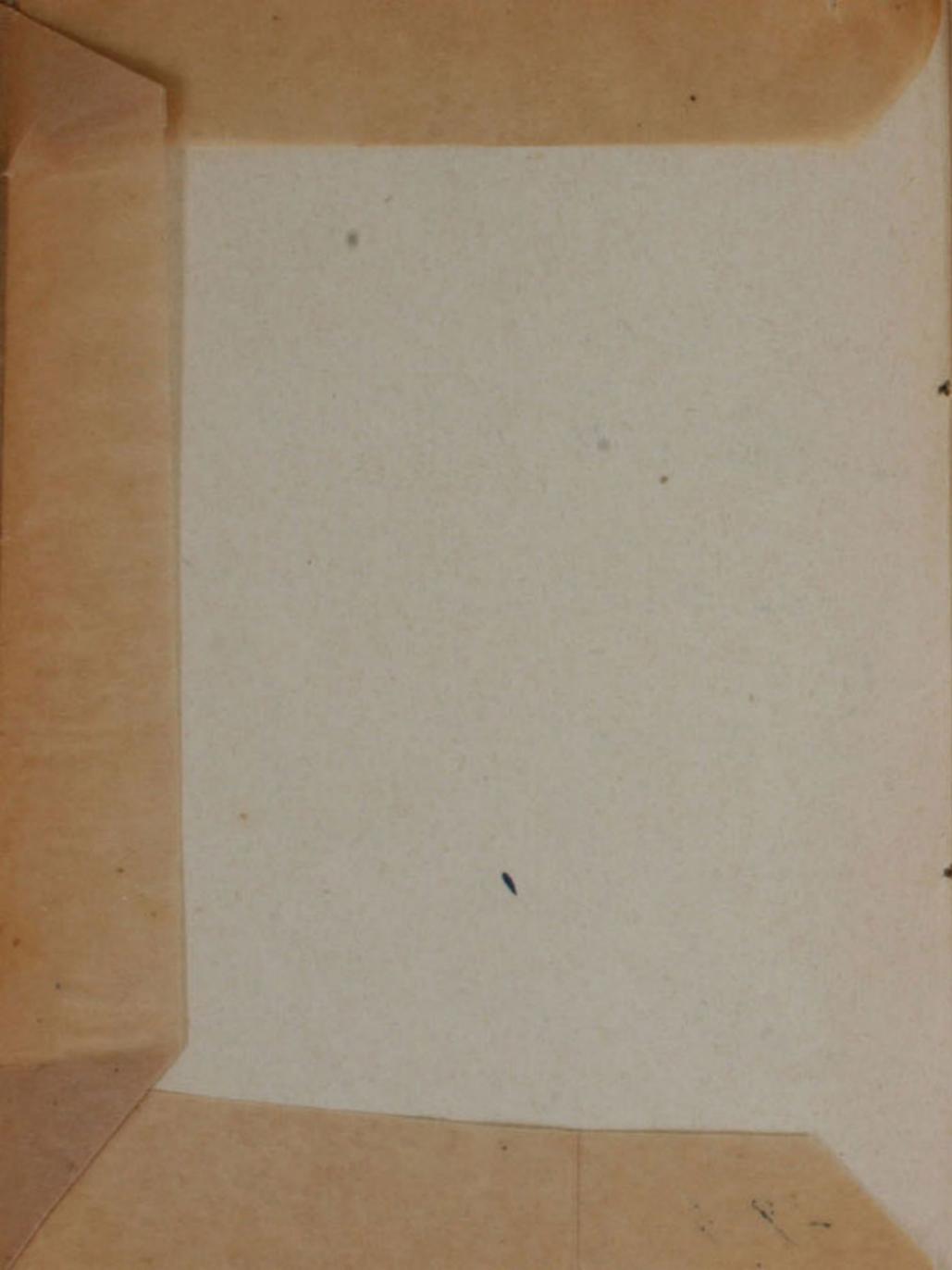
ANTÓNIO ALVES MARTINS

MULHER DE BENÇAM

POÉMA



EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÓRTO — 1923





Ao Fernando Pessoa,
que muito admiro e estimo,
ainda mesmo quando é Álvaro
de Campos,

a' sua inteligência e similitude.

Com um abraço.

24-924

António de Oliveira

Reservados todos os direitos de reprodução nos
países que aderiram à Convenção de Berne;
Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911;
Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

MVLHER DE BENÇAM

DO AUTOR:

Anunciação — 1921.

Mulher de Bençam — 1923.

A SEGUIR:

A Lança de S. Miguel.

ANTÓNIO ALVES MARTINS

MULHER DE BENÇAM

POÉMA

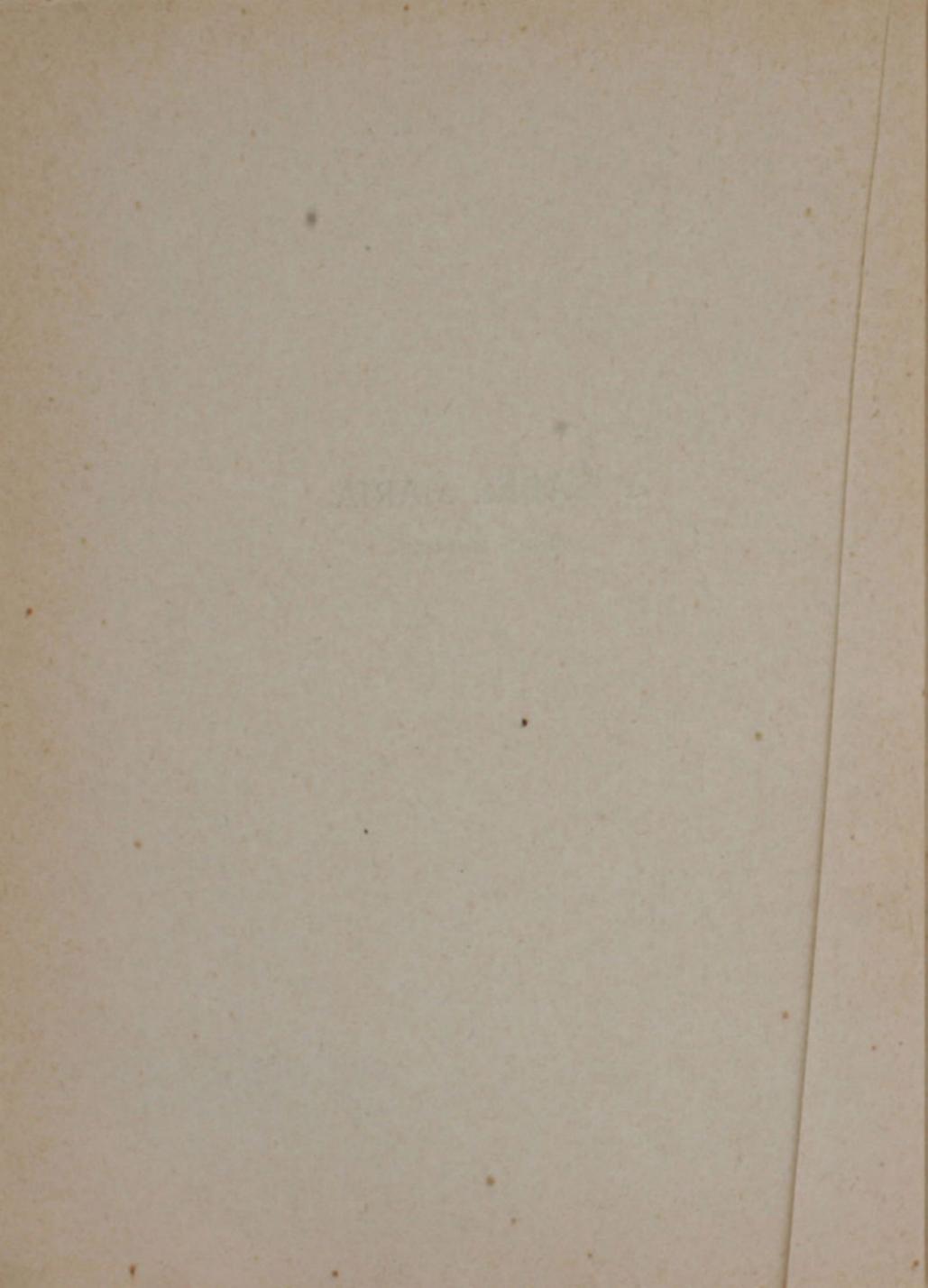


EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÔRTO — 1923

EMP. INDUST. GRÁFICA
DO PORTO, L.da - Rua dos
Mártires da Liberdade, 178

A ISABEL MARIA,

MINHA MULHER



I

CANÇÃO PEREGRINA

1857-1858

CANÇÃO PEREGRINA

VOU amar e ser amado!
— Que voz, cá dentro, m'o diz?
Voz profunda de raiz,
Voz leve d'anjo encantado!

Vou amar e ser amado!
— E sigo no meu caminho
Que é já doce como um ninho
E tem ecos de noivado!

Vou amar e ser amado!
— A Vida toda palpita!
Ganha uma graça infinita
O sonho mais recatado!

Vou amar e ser amado!
— Suprema revelação...
Bate mais meu coração,
Tem todo o Espaço acordado!

Vou amar e ser amado!
— Cruzam-se as aves no ar,
É toda a Terra um pomar,
Está tudo perfumado!

Vou amar e ser amado!
— Não há mortos, nem ruínas,
Há só montanhas, colinas,
E amor desordenado!

Vou amar e ser amado!
— Voam preces, ardem beijos,
Sobe a chama dos desejos,
E a do amor purificado!

Vou amar e ser amado!
— Abrem rosas, cantam fontes,
Alargam-se os horizontes,
Pressinto Deus a meu lado!

Vou amar e ser amado!
— Mas desatino, estremeço,
E, como a Terra, anoiteço,
Receio ser enganado!

Receio ser enganado!
— E porquê, porque será
Que nunca o homem terá
Certezas no bem sonhado?

Porque o fez Deus condenado,
Sôbre êste mundo tristonho,
A criar o maior sonho
P'ra o não ver realizado?

Tudo morre, tudo esquece!
Minhas esperanças, ai d'elas,
Foram fugases estrêlas...
— Toda a Terra empalidece!

Um silêncio de abandono
Faz só lágrimas ouvir...
Vejo sonhos a cair
Como as fôlhas, no outono!

E neste silêncio fundo,
No pêso da minha dôr,
Eu mais sinto que é o amôr
A alma de todo o mundo!

Oh árvores, agasalhai-me,
Oh pedras, dai-me ternura,
Oh fontes, dai-me frescura,
Leves aragens, levai-me!

Levai-me p'ra onde eu possa,
Amar, amar, ser amado,
Terra em fôgo, ou céu estrelado,
Mas a Vida sempre môça!

Levai-me nesta ansiedade,
Embora eu saiba—Senhôr!—
Que metade do amôr
Não é amôr—mas saudade!

Assim suspendo o meu grito
Que pelo Espaço vibrou
Sem saber se a Deus chegou...
— Pobre eco no infinito!

Mas uma luz, que desceira
A névoa desta aflição,
Revela-me um coração
Na própria sombra da Terra!

E sorri-me a Natureza;
Oíço, a distância, um pastôr...
Êle dá-me a voz do amôr,
Ela, a imagem da certeza!

Vou amar e ser amado!
— De novo, cá dentro, o diz
Voz profunda de raiz,
Voz leve d'anjo encantado!

Vou amar e ser amado!
— Momento divino êste
Em que eu sou corpo celeste,
Como um astro iluminado!

Vou amar e ser amado!
— Espelho, como um ribeiro,
As ternuras de cordeiro,
De que me sinto formado!

Vou amar e ser amado!
— Não sei de mim, o que faço,
Quero abranger todo o Espaço,
Ser na Vida dispersado!

Vou amar e ser amado!
— E na fé, de que me inundo,
Parece que um novo mundo
Acaba de ser criado!

Canto supremo e sagrado,
Que é da Terra e que é dos Ceus,
Diz-me a Vida e diz-me Deus:
— Vais amar e ser amado!

E esta certeza, que tem,
Como o Céu, brilho esplendente,
Que a saiba toda a gente,
E que a não saiba ninguém!

II

DESTINO



NO nome, santa e rainha;
Na humildade, pastora;
No amor, a luz da aurora;
Na saudade, a tardinha!

Na alegria, uma andorinha;
No olhar, sonho que enflora;
E na voz frauta sonora,
Tocada de manhãzinha!

Divina e humana existência,
É flôr e é essência;
É da Terra e é dos Céus...

Na ânsia, sopro de aragem;
Filha do homem, na imagem;
Na alma, filha de Deus!

ONDE nasceu?— Imagino
Que numa terra distante
Da própria Terra, e diante
Do mais formoso destino!

Lá onde a graça ergue um hino
Duma harmonia constante,
Como uma fonte cantante
Num romper d'alva divino!

Lá onde o amor se adivinha,
Onde é sempre manhãzinha,
Enlevo, esperança, emoção...

Mas, afinal, donde é Ela?
—Podia ser duma estrêla,
Mas é do meu coração!

III

ERAM os montes subindo,
Eram os vales deitados,
E pastôres enamorados
Os sons das frutas ouvindo!

Eram os astros sorrindo,
Os ribeiros acordados,
Os ecos sobressaltados,
As rosas bravas abrindo!

Eram as aves voando,
Eram as tardes tombando,
Era uma voz que cantava...

Era Ela e era eu;
Era a Vida! E lá, no Céu,
Era Deus que nos ligava!

. IV

Ai como, pelas colinas,
Tinham mais doces balidos
Os rebanhos, conduzidos
Quási a distâncias divinas!

Ai como eram mais finas
As manhãs, e mais sentidos
Os crepúsculos vividos
Pelas almas peregrinas!

Ai como as águas cantavam
Mais a compasso, embalando
Os astros que retratavam!

Como o vento era mais brando,
E os sonhos confiavam
Sem pensarem até quando!

QUEM por lá teria amado,
Antes de nós? Quem teria,
Em toda aquela harmonia,
O coração acordado?

Tão comovido o agrado
Que o nosso amôr lhe merecia,
A terra virgem parecia,
Á luz do nosso cuidado!

Mas aragens suspirosas,
Tardes, manhãs, frautas, rosas,
Fontes e giestas a abrir,

Tinham, em seu sentimento,
O grande pressentimento
Dêste amôr—que ia existir!

VI

NUM fim de tarde à sacada.
Mês de setembro. Passavam
Carros de bois que chiavam,
Desaparecendo na estrada!

Eu estava de abalada.
Meus olhos nos seus poisavam.
As nossas almas sonhavam.
Tombava a tarde, cansada!

Tombava a tarde... E parecia
Não ter fim essa agonia,
De nós, da tarde, da Vida...

Oh visão da Eternidade,
Em tintas de saudade
E máguas de despedida!

VII

HOUVE um tempo em que mandava,
Nas cartas que me escrevia,
Uma linha, em companhia
Da agulha com que bordava!

Com minhas mãos a enfiava,
Enfiada, então, partia...
Á obra, que Ela fazia,
Assim, de longe, ajudava!

Pobre agulha! Nas mãos d'Ela,
Fazia a renda mais bela,
De maior habilidade...

E a caminho, cheia d'ânsia,
Sôbre o setim da distância,
Bordava a nossa saudade!

VIII

AGORA relembro a serra,
Aldeias onde eu passava,
Pinhais, calhaus — se calhava,
Uivos de lobos em guerra!

Peregrino que erra, erra,
Ia vê-la! Que importava
Que a serra fôsse tão brava,
Se eu ia p'r'á sua terra?

Ia vê-IA! Do inferno,
Soprava o vento. Era inverno;
Caía neve, caía!

Ia vê-IA! E à neve e ao vento,
Eu era só pensamento...
—Um coração que batia!

III

ENLÈVO

PELO sinal
De luz ideal
De que é formada,
— Não será n'Ela
Que se revela
A madrugada?

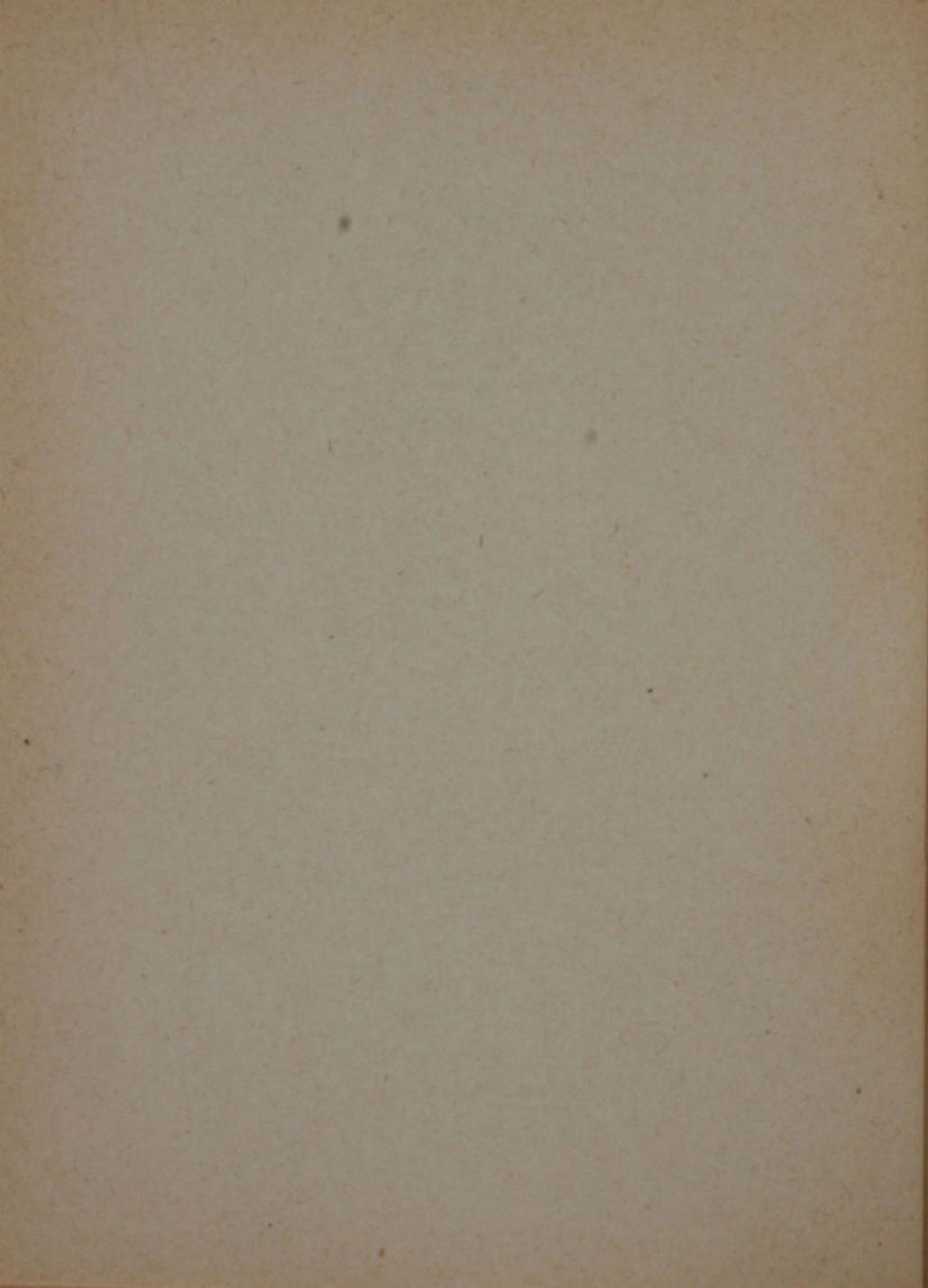
P'la mal segura
Madeixa escura
Que o vento leva,
— Não será n'Ela
Que se revela
A noite, a treva?

Por toda a graça
Que a alma e enlaça,
Qual ramo de hera,
— Não será n'Ela
Que se revela
A primavera?

Pela saudade
Que sempre a invade
Quando a abandono,
— Não será n'Ela
Que se revela
O triste outono?

Por toda a chama
Que se inflama
No seu falar,
— Não será n'Ela
Que se revela
A voz do mar?

Por sua alma,
Ansiosa e calma,
Balada e grito,
— Não será n'Ela
Que se revela
Todo o infinito?



NOS ramos altos, até
Nas ervas, as mais rasteiras,
Passavam, tardes inteiras,
Vislumbres da nossa fé!

D'aquilo que se calava,
D'aquilo que se dizia,
Era feita a luz do dia,
O luar compartilhava!

O mais leve movimento
Que se notasse em redor,
Era, por graça do amôr,
Transformado em sentimento!

A vida corria mansa;
Era Deus um rouxinol!
No próprio morrer do sol,
Cantavam notas de esperança!

Amavam mais os pastôres
Os seus rebanhos... Amavam
Mais os céus, por que ansiavam,
Os perfumes das flôres!

Alma, assim, tão dividida
Como um arôma divino,
Amôr, o nosso destino
Era o destino da Vida!

III

O nosso amôr nasceu
Como se fôsse, Amôr,
Uma linda flôr
D'algum jardim do Céu!

Um anjo não descia,
Com tanta graça, ao mundo,
Como êste amôr profundo
Subiu, da Terra, um dia!

Nasceu tal como nasce
O canto duma ave;
Belo, mas tão suave
Como se não cantasse!

Nasceu tal como nasce
O brilho duma estrêla,
Que toda a noite vela,
Como se não velasse!

Nasceu como se fôsse
Exalação, aroma
Do que é humilde, e toma
Uma expressão mais doce!

Mais de enternecimento,
Do que de exaltação,
Nasceu da comoção
Com o próprio sentimento!

Bem dita hora, a hora
Em que êste amôr nasceu...
Linda flôr do Céu,
Enternecida aurora!

E tão divino fez
O mundo, que habitamos,
Que tudo o que fitamos
Ê feito d'alma, vês?

Por êle a Vida tem
Mais cristalina voz...
— Nasceríamos nós
Com o nosso amôr também?

Oh! sim, que, na memória,
Tudo se dispersou...
Vida que não amou
Ê vida transitória!

Não houve outro esplendôr,
Voz que, melhor, cantasse;
Só o que ama nasce,
Quem faz nascer é o amôr!

E o nosso amôr nasceu
Como se fôsse, Amôr,
Uma linda flôr
D'algum jardim do Céu!

IV

BEMDITOS sejam todos os caminhos
Que o nosso amôr andou;
E a voz implume de escondidos ninhos
Que o nosso amôr saudou!

Bemditas sejam todas as nascentes
Onde êle foi beber;
E as humildes almas inocentes
Que o viram nascer!

Bemditas sejam todas as ovelhas
Que o nosso amor cercaram;
E as rosas bravas, brancas e vermelhas,
Que todo o perfumaram!

Bemditos sejam todos os outeiros
Que ele, a sonhar, subia;
E os gritos de pastores e de carreiros
Que ele, encantado, ouvia!

Bemditos sejam todos os regatos,
De florida margem,
Onde, ao passar, fitava, sem recatos,
A sua linda imagem!

Bemditos sejam todos os outonos
E todos os poentes
Que ele viu desmaiar, entre abandonos
E lágrimas ardentes!

Bem dita seja, enfim, toda a paisagem
Onde êle foi criado;
E a mais subtil, a mais divina aragem
Por que êle foi beijado!

Bem dito o nosso amôr por ter nascido,
Bem dita a sua voz...
Êle que é como Deus enternecido,
Sempre a velar por nós!

Bem ditos sejam todos os momentos
Que êle, por lá, viveu;
De bem com a Terra, cheia de tormentos,
Muito melhor com o Céu!



IV

EXALTAÇÃO

AQUELA CONSOADA

LEMBRO a noite daquela consoada,
Noite cristã, meu Deus, iluminada
Do nosso amôr a arder...
Absorvidos só na nossa vida,
Eu estava esquecido e tu esquecida
Que ia Jesus nascer!

Noite que foi p'ra nós de encantamento,
E sòmente de frio, geada e vento,
P'ra os pobres de pedir!
Se não te amasse ainda, meu Amôr,
Bastaria essa noite para a flôr,
Do nosso amôr, se abrir!

Estavamos sòzinhos, muito perto,
E o teu coração parecia aberto
 Para mostrar o meu . . .
Era divina e humana a tua fala,
E, por isso, é que tinha, toda a sala,
 Um ar de terra e céu!

Porque oculta razão, porque destino,
Nessa noite, votada ao Deus-Menino,
 Não pudeste calar
A ansiedade, sem termo, do teu peito,
Desejoso, arquejando insatisfeito,
 Como se fôsse o mar?

Chegava-nos de fóra, da lareira,
O estalido da lenha na fogueira,
 Chamando os teus Avós.
Nessa cristã, tradicional vigília,
Fazia a ceia, a rir, tua Família,
 A dois passos de nós!

Qual o comêço, enfim, do nosso encanto?
O comêço ideal de qualquer canto,
 Prestes a ser cantado!
Com que alto amôr todo o teu sêr me abrias!
E por cada palavra que dizias
 Sentia-me abraçado!

Corpo de abril, alma de primavera,
Bem hajas por teres sido tão sincera,
 Pois não o fôste em vão!
Nessa noite, p'ra mim já de saudade,
Vi-te a mulher da minha ansiedade,
 E do meu coração!

Vi-te a mulher eleita—que alegria!—
O sonho do luar e a luz do dia;
 Lírio e rosa brava...
E p'ra te ver assim eu tive logo
Uma noite d'amôr, em cujo fogo
 Nem um beijo faltava!

Batera a meia noite. A consoada,
Ao dar da derradeira badalada,
 Trouxe a Família toda...
Tínhamos serenado, meu Amôr,
Mas ainda um perfume de flôr
 Nos perturbava, em roda!

No decorrer da ceia, tua alma
Pensou, então, religiosa e calma,
 No Menino-Jesus;
Viu-o nascer, e logo abençoar
Toda a sêde d'amôr, enchendo o ar
 Duma infinita luz!

Depois, rodando o lume da lareira,
A pouco e pouco, vi-te prisioneira
 Dum grande sofrimento:
Pensavas que te havias excedido,
E era o teu peito um mar arrependido
 Do seu desvairamento!

Não eras minha ainda, não devias,
— Pensavas — revelar-me o que entendias
 Só pertencer a ti...
Eu que te adivinhasse, se quizesse,
E que depois, e que depois vivesse,
 Tanto como vivi!

Era bem tua alma que sofria,
O orgulho, o pudôr... Eu compreendia
 A mágua dêsse instante!
Mas jurei-te, bem alto, meu Amôr,
Que nenhuma razão, p'r'á tua dôr,
 Era razão bastante!

Se a mulher não diz tudo quanto sente,
Fôste mais que mulher: a chama ardente
 De indómíta ansiedade!
Erguida, assim, a alma, a essa altura,
Desaparece quási a criatura,
 E só fica a verdade!

Eu não te queria, pois, arrependida.
Tinha bem presa à minha a tua vida;
Era uma intrusa a dôr...
É grande o amor pela sinceridade!
Ganhou, por isso, em nós, a Eternidade,
Essa noite d'amôr!

NO BALCÃO

EIS-NOS os dois sòzinhos... E o balcão
— Vai um tempo ardentíssimo de verão —
Gosa do nosso amôr...
Somos a nota humana da paisagem,
E às ardências da Terra — que estiagem! —
Juntamos mais calôr!

Limitam-nos searas ondulando;
E rugosas montanhas meditando,
Em sua sorte dura,
Enchem de fôrça toda a redondeza:
Ao nosso amôr entregam fortaleza,
E êle dá-lhes ternura!

Falamos e beijamo-nos... Sem isso,
O nosso amôr, que nunca foi mortiço,
 Não seria tão grande!
Cada palavra traz um novo dia...
E a cada beijo dado—que alegria!—
 Novo calôr se expande!

Que ânsia de dizer quanto pensamos!
Mas saem três palavras, e paramos;
 Muitas das confidências
São para a nossa alma adivinhar!
—E as andorinhas continuam, no ar,
 As nossas reticências!

Eis-nos os dois sòzinhos... Num momento,
Que exaltação e que enternecimento,
 Também quanta ilusão!
Oh Natureza, olhamos-te vencida:
Neste momento, temos toda a Vida
 Dentro do coração!

Necessitasse Deus de vir ao mundo,
P'ra ver que o amôr humano inda é profundo,
Quando se sabe ter,
Desceria até nós maravilhado,
E depois de nos ter iluminado,
Não tinha mais que ver!

A tarde cai. Vão aparecendo estrêlas...
E fitamos o Céu porque uma d'elas
Atrai o nosso olhar!
E vemos, nessa estrêla pequenina,
A que o Senhôr, ao nosso amôr, destina,
Para êle ir morar!

Quem ama como nós não está sujeito
Ao destino dos outros. Nosso peito
É um ninhô de ideais!
E Deus bem sabe—tudo o faz saber!—
Que era impossível para nós viver
Onde vivem os mais!

É possível a vida numa estrêla,
E essa vida havemos de vivê-la,

Embora custe ou não...

O sonho tudo pode, tudo faz:

Infundável aroma de lilaz,

E perpétuo clarão!

Fique de nós no mundo, Amôr, sômente

O que deve ficar: o côrpo ardente

Que o desejo acendeu!

Á estrêla suba a alma que se encanta...

—Fica na Terra a bôca, quando canta,

Sobe a cantiga ao Céu!

A tarde cai. E o sonho duma aragem

Passa agora na alma da paisagem,

Que na sombra se esfuma...

Formam a Terra e o Céu o mesmo todo;

E não há entre nós, do mesmo modo,

Já distinção alguma!

Ilusão, ilusão, pura ilusão!
A noite não consegue essa fusão
 Porque a diferença existe:
O Céu é sempre o Céu alto e divino,
E a Terra o grão d'areia pequenino;
 Sempre esta coisa triste!

Tu serás sempre o meu jardim fragrante,
E eu o calor do sol, febricitante,
 A aquecê-lo d'amôr!
Eu serei sempre o amante apetecido;
Tu a amante ideal: corpo esculpido
 Em desejo e pudôr!

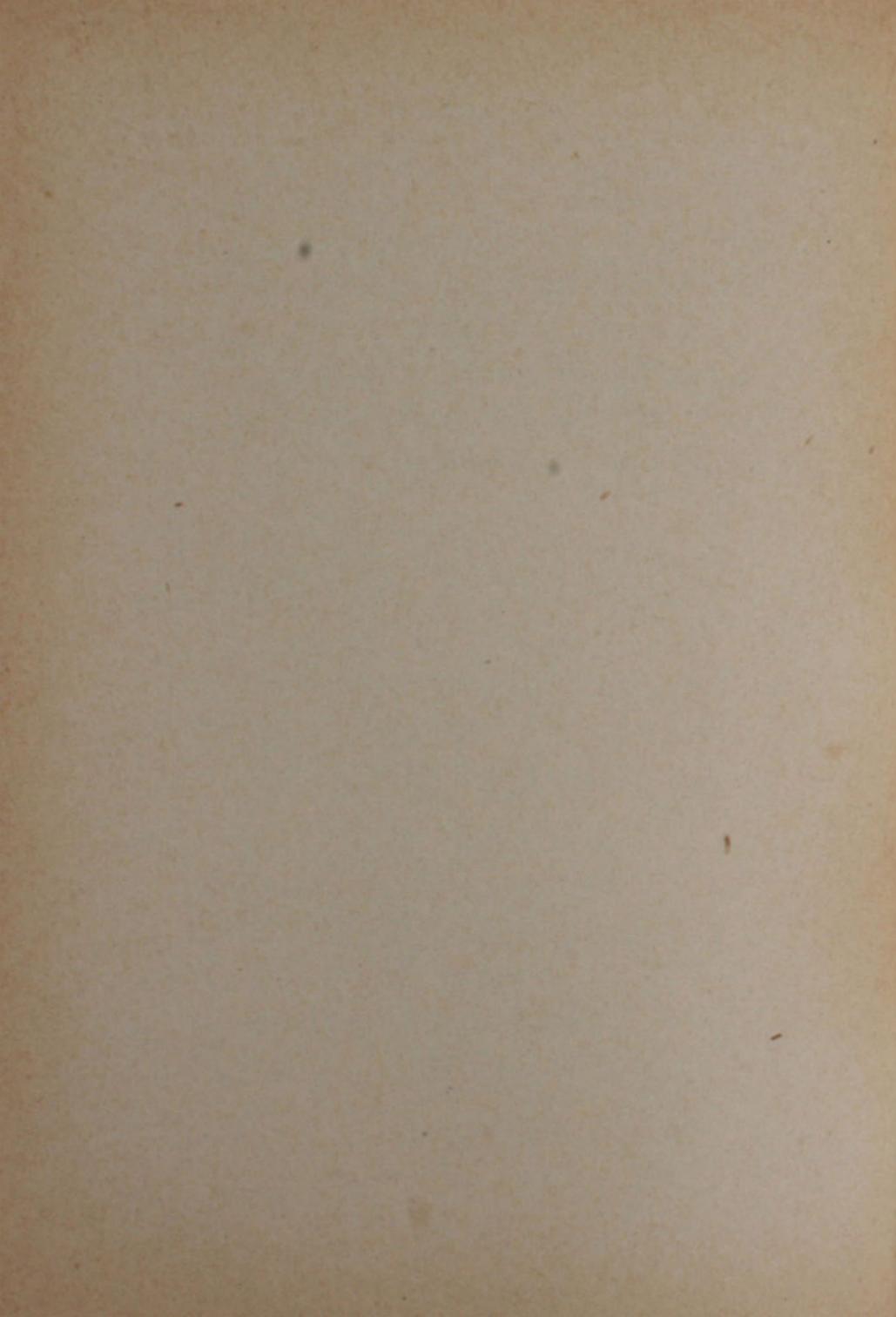
Inda bem, inda bem, porque seria
A morte da ansiedade se, algum dia,
 Essa fusão se desse...
Uma aproximação indefinida,
Mas cada um com sua própria vida,
 Com sua chama ou préce!

Eis-nos os dois sôzinhos... E, agora,
A tua bôca, sempre encantadora,
 Não me deixa falar!
A lua nasce—e a tua voz d'amôr
Abre, por sôbre a noite, o esplendôr
 Dum segundo luar!

A tua voz, Amôr! Quando me falas,
Ora me ergues ao alto, ora me embalas...
 Voz ansiosa e calma
É a que sonham sempre os meus ouvidos:
Dá ondas de desejo aos meus sentidos,
 Um céu à minha alma!

Falas, e cada frase que me dizes
É um veio d'água ideal para as raízes
 Do meu amôr por Ti!
—O balcão ao luar transfigurou-se;
E o nosso enlêvo, indefinido e doce,
 Põe-nos longe d'aqui!

Uma estrêla cadente corre o Espaço;
Num receio infantil, tomo-te o braço:
 Não me vás tu deixar!...
Saímos do balcão mais confundidos
Que o luar e as montanhas! Tão unidos
 Que êle fica a scismar!...



PARTIDA

A noite estava escura, muito escura,
Tão negra como a nossa desventura,
 Como a nossa saudade!
Tudo, tudo mentira à nossa frente...
Era a minha partida, infelizmente,
 A única verdade!

Apertei-te, a valer, contra o meu peito:
—Adeus, meu grande Amôr!—E, contrafeito,
 Tremia de aflição!
Tomei-te o rôsto, Amôr, puz-me a beija-lo;
Depois... saltei p'ra cima do cavalo,
 Entrei na escuridão!

E tu ficaste em casa acompanhada;
A tua dôr foj sempre consolada,
 Tinhas com quem falar...
Enquanto que eu, Aniôr, se desejasse,
Na serra, alguma voz que me animasse,
 Só tinha o vento a uivar!

Os caminhos da serra são perigosos:
Ora descendo àlém, estreitos, sinuosos,
 Ora subindo aqui,
Como fazia noite e eu nada via,
Não sei para que abismos caíria,
 Se não pensasse em Ti!

Eras a luz, a luz que me guiava,
Nessa partida pela serra brava,
 Onde ninguem se ouvia!
E quanto mais a sombra era maior,
Não sei porque razão, não sei, melhor
 Dentro de mim te via!

O cavalo escorregava a cada passo;
Gemia o vento, amedrontando o Espaço;
Passavam povoações...
Junto a mêdas, áperta, cães ladravam;
Perto d'elas, os donos pernoitavam,
Por causa dos ladrões!

A serra nada tinha da harmonia
Dum peregrino, como eu, que ia
Preso a um sonho distante!
Os amorosos vivem de ternura,
E só fragas, pinhais e a noite escura
Se me punham diante!

E, de repente, ao longe, uma clareira:
— Quem sabe lá? Fogò de feiticeira
Nalguma encruzilhada! —
Fiz trotar o cavalo quanto quiz:
Bem depressa alcancei o chão d'Ariz,
E vi uma queimada!

Nunca mais, nunca mais posso esquecer
A noite escura e a queimada a arder,
 Porque sôbre elas via:
Na noite, a minha alma desolada;
No fôgo, a tua imagem desejada
 Que na minh'alma ardia!

E só, com toda a minha saudade,
Sôbre mim o dormir da imensidade,
 Punha-me a reflectir:
Se eu pudesse aos seus braços regressar,
Dizer-lhe:— Meu Amôr, foi p'ra voltar
 Que eu resolvi partir!

Amanheceu-me à entrada de Soutosa;
Uma manhã tristíssima, brumosa
 Como não vi nenhuma!
Mas podia haver sol, podia Deus
Mostrar-se, abrindo ao mundo os altos céus,
 Que eu seguia na bruma!

Eu seguia na bruma, que podia
Ser da minh'alma a imagem, nesse dia
 Que não queria acordar...
Têsos, pinhais, que na manhã se erguiam,
O maior mal do mundo me faziam,
 Deixando-me passar!

E a minha saudade ia crescendo,
Á medida que os olhos iam vendo
 O longe a que ficavas!
Não devias dormir, não, não dormias;
E, como sombra, a casa percorrias;
 Como mulher, choravas!

Sim, a minha saudade ia crescendo
Á medida que os olhos iam vendo
 O terminar da serra!
Satisfizesse Deus a minha ânsia,
Que eu só lhe pediria que a distância
 Acabasse na Terra!

MARCHA NUPCIAL

O dia amanhecera enevoado,
Tinha um véu como tu, e era pezado
 Como um scismar profundo!
O teu cobria a tua virgindade,
E o outro, meu Amôr, toda a maldade
 Que havia sôbre o mundo!

Branco o teu véu e branco o teu vestido,
O Altar de rosas brancas guarnecido,
 Branca tua alma pura,
Branco o teu rosto, num sorriso leve,
Só faltou que, do Céu, caísse neve,
 Para maior brancura!

Era o cenário próprio dum noivado
A abrir-se ante os meus olhos de encantado,
 Sonhando em seus delírios...
No ar, impregnado de açucenas,
Cantavam aves de nevadas penas,
 Desabrochavam lírios!

Era a Terra? Era o Céu? Sei lá o que era!
Tinha-te ao pé de mim p'ra ser quimera;
 P'ra ser realidade,
Bela de mais a Vida me parecia!
— Mas Deus mandava menos, nesse dia,
 Que a nossa felicidade!

Pela rama das árvores do caminho,
Em todas elas se abrigava um ninho,
 As aragens passavam
Tão ternas, tão macias como o beijo,
Feito d'amôr e de nenhum desêjo,
 Que as nossas almas davam!

Doce, como um afago de veludo,
Uma harmonia, onde cabia tudo
 Em alma e sentimento,
Cingia a terra toda num abraço!
— Parecia ser, no coração do Espaço,
 O nosso casamento!

E o nosso amôr, em extase, lembrava,
Pelo sonho que nêle palpitava,
 Um anjo peregrino,
Que todo o Céu nas azas reflectisse,
E em cujo sorriso Deus sorrisse;
 Cantasse o que é divino!

Ajoelhados, depois, ao pé do Altar,
Nunca o silêncio soube revelar
 Tão grande comoção...
Só nossa alma ali prevalecia,
E era na própria alma que batia
 O nosso coração!

E como se acordassem na harmonia,
Que entornava, nas almas, êsse dia,
Harmonias maiores,
O órgão acordou... E ouviu-se a essência
Que vai dizer, a Deus, a existência
De todos os amôres!

Supremas notas, de elevada unção,
Do céu directamente ao coração
Pareciam destinadas...
E ora embalavam lírios ao luar,
Ora acordavam frémitos, no ar,
De róseas madrugadas!

Tudo que pertencia ao nosso amôr,
O que em nós dois havia de melhor,
As névoas da distância,
O perfume das rosas que colhemos,
As grandes despedidas que fizemos,
A nossa própria infância;

Tudo que se viveu e que era nosso,
O lar que se deixava, e o alvoroço
Do que, em sonhos, se via,
Naquele canto tinha a Eternidade!
E veio a nós a benção que a humildade
Do coração pedia!

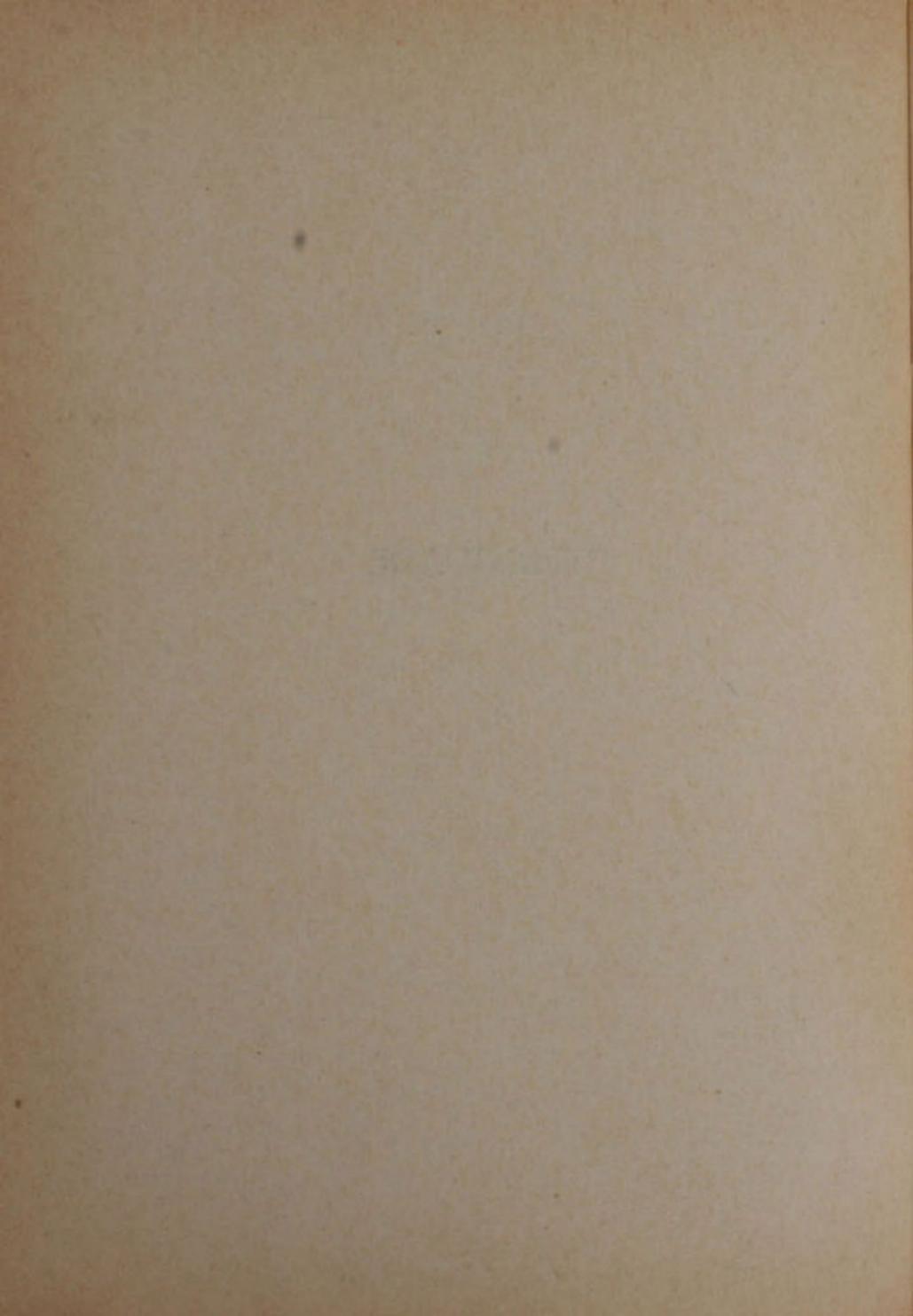
Mas como ouvir essa harmonia enorme
Com a paz misteriosa de quem dorme,
De quem sonha ao luar?
Dentro do peito, o coração aberto,
Nós tremíamos tanto que foi certo
Rompermos a chorar!

Sim, chorámos os dois, de comovidos,
Estreitamente vendo-nos unidos
P'ra todas as esperanças!
Tivemos toda a protecção do Céu,
Pois foi até um anjo que nos deu
As duas alianças!

E o órgão tocou até final!
E houve um caír de rosas, nupcial,
 Que inda em meus olhos erra!
Solto o véu para traz, já eras minha;
E o sol, desfeita a névoa, enfim, já tinha,
 Contra o seu peito, a Terra!

V

ETERNIDADE



MULHER DE BENÇAM

AMOR, foste, primeiro, um sonho erguido
Á luz da lua, em místico recato;
Reflectiu-te a pureza dum regato,
Por Ti foi todo o mundo comovido!

Depois, sentidos feitos um sentido,
Ansiedades surgindo ao desbarato,
Ardeste — foi humano o teu retrato;
Teu palpitante seio foi ouvido!

Abençoou-te Deus! E agora, Amôr,
Teu coração, que deu tão alta flôr,
Ligando a Terra ao Céu, fez a Verdade!

Se o que mais se deseja é a Harmonia,
Em Ti ela se acaba e principia...
— É bela a Vida e certa a Eternidade!

A NOSSA MANHÃ

Aquela triste e leda madrugada

CAMÕES.

COMO se um fino luar viesse dar-me
Na própria alma, ou uma estrêla viesse,
Altas horas da noite, em ar de prece
E de infinito amôr, iluminar-me;

Assim contigo, Amôr, fui encontrar-me
Nessa manhã, que nunca mais se esquece!
A única manhã que inda amanhece;
Que em sua eterna luz pode encantar-me!

Manhã das nossas juras num Altar,
Fê-la divina Deus, com o seu olhar,
E humana o amor dos nossos corações!

Todos os dias nasce o sol fecundo,
Mas só duas manhãs tem tido o mundo:
— A nossa e aquela que cantou Camões!

SONHO OCIDENTAL

Sonho-me, às vezes, rei n'alguma ilha

A. DE QUENTAL.

SONHO-ME, às vezes, um pastôr nascido
Numa das nossas serras, onde a aragem,
Ao embalar os sonhos da paisagem,
Leva p'ra Deus os ecos dum balido!

O aroma das giestas faz sentido
Com a voz do silêncio—linguagem
P'ra quem a serra, de brumosa imagem,
Apura sempre o seu eterno ouvido!

E enquanto, na montanha, vou seguindo
O meu rebanho scismadôr, balindo,
Tu, meu Amôr, com fé que Deus mantenha,

Vais acabando, em casa, o teu bragal;
Ou, sentada à varanda, olhando o vale,
Abres a alma, em flôr, sôbre a montanha!

AS SUAS SAUDADES

ÀS vezes subo devagar a escada:
Vou surpreendê-la, pensativa, a olhar,
Na distância dos campos a rezar,
A evocadôra alvura duma estrada!

Fito-a calado e d'alma socegada:
Acordá-la p'ra quê do seu scismar?
Deixá-la ter saudades, recordar;
Com isso o nosso amôr não sofre nada!

Deixá-la recordar a casa eleita,
A que essa linda estrada vai direita;
O coração dos seus, d'amôr sem fim!

Não devemos amar egoistamente;
E estas saudades, milagrosamente,
Lembram aquelas que sentiu por mim!

TERNURA

LÁ no fim desta hora desvairada
Em que as almas existem p'ra sofrer,
Qualquer coisa, de belo, se há de ver,
E que só está em Deus anunciada!

Se volto os olhos para a Vida, nada
Encontro nela que me ajude a crêr!
Mas se os desvio para Ti, Mulher,
Eu vejo a esperança toda concentrada!

Se amar-te é confiar, Amôr, confio,
Pois nos teus lédos gestos de ternura
Parte dêsse mistério ganha brio!

Assim, já para além desta amargura,
Vejo tornar-se a Vida um claro rio . . .
— Espêlho para a tua formosura!

SOMBRA

TANTAS palavras ditas sem razão,
E gestos, atitudes inferiôres,
Parte pesada são das minhas dôres...
—Recolhe, oh noite, a minha confissão!

Porque te não dei sempre o coração,
Amôr, que vales todos os amôres?
—Do choro universal dos pekadôres,
Parece feita a minha contrição!

Sim, tenho faltas — andam na memória!
Quem as não tem, porém, se é velha a história
De erguer, por nossas mãos, a nossa cruz?

Flôr da noite, eu vejo abrir-se a aurora;
E uma certeza me absolve agora:
Sombra — nunca deixei de crêr na luz!

FOGO DO LAR

NUNCA viu luz, nunca sentiu calôr
Quem não te conheceu, fogo sagrado,
Consentido por Deus e abençoado;
Nascido do amôr para o amôr!

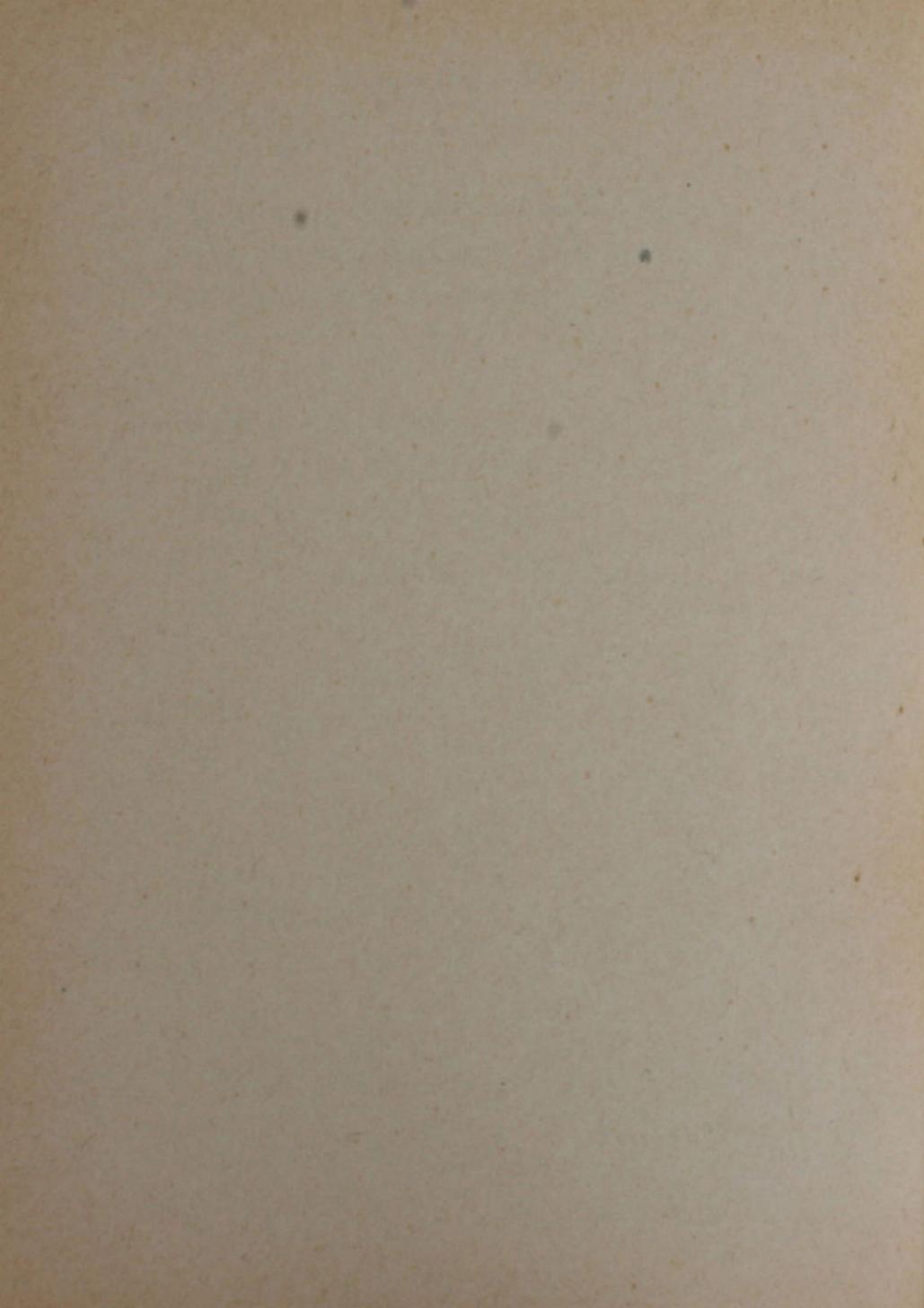
Luz cujos raios formam um louvôr,
Louvôr a tudo o que é purificado;
Calôr mais do que ao cõrpo destinado,
Que o cõrpo não é d'êle merecedôr!

Se em nossos dias, de infernais ruidos,
Fôgo de mais existe p'ra os sentidos,
De menos para o nosso coração,

Fôgo do Lar, aquece-nos a alma!
Só tu, à vida inquieta, dás a calma;
Só tu dissipas toda a escuridão!

VI

ÚLTIMO CANTO



ÚLTIMO CANTO

AINDA eu me queixo, ainda eu
Ouso, por vezes, duvidar de Deus,
Erguendo os olhos tristes para o Céu!

Perdôa, Amôr, e dá-me os braços teus,
Oh criatura única da Vida,
A quem meu coração não diz adeus!

É destino da alma andar perdida;
Mas eu devo guiar, prendêr a minha,
E dar-t'a como palma merecida!

Antes de te encontrar, eu nada tinha;
Encontrei-te—e achei no coração
A luz que os nossos passos encaminha!

Milagre superior da criação,
Dêste-me a esperança, que eu julgava incrível,
De se alcançar na Terra a perfeição!

A perfeição do corpo, a mais possível,
E a da alma—a perfeição que vale
Ante a visão de Deus, alta e infalível!

Humano, pois, não é, nem natural,
Que eu me esqueça de Ti, ligada ao Bem,
Pr'a me lembrar do mundo, entregue ao Mal!

Mas, meu Amôr, a Vida só contém
Fôrças contraditórias da vontade,
E obedecemos sem saber a quem!

Pertencemos os dois à humanidade;
É fruto ideal de muito sonho erguido,
É uma ilusão a nossa liberdade!

Por fôrça do destino dividido,
Meu sentimento humano da existência
Em Ti quizera ter todo o sentido!

Seria, então, apenas, transparência;
Limpidez de cristal, brilhando à luz;
Chama invencível; misteriosa essência!

Assim, sou dôr gemendo sob a cruz!
Desmaio no Calvario, e resuscito
— Em Ti! — subindo ao Céu, como Jesus!

Lembro-te e ganho o Céu... É o infinito
É feito nos teus olhos de bondade,
Valendo os nossos beijos como um grito!

Grito que vai soar na Eternidade;
E faz da sombra humana luz divina;
E mostra, enfim, o seio da Verdade!

Mulher, pela candura, inda menina,
E bem mulher, pela fôrça da paixão,
E mãe de linda graça pequenina,

Merecias que eu puzesse o coração
Nas mais humildes coisas que tu fitas,
Em toda a parte onde os teus passos vão!

Merecias tantas coisas infinitas
Que sendo Deus pequeno para as dar,
Eu nada sou para as deixar escritas!

Se tu, quando êste amôr era um luar,
Luar de idílio, fôste a virgem pura,
De tão sincero acento no falar,

Hoje, que há uma tal sêde de ternura
Maior que sêde d'água num deserto;
Hoje que a vida é feita d'amargura,

Tens, como sempre, o coração aberto;
E, como sempre, em teu olhar propicio,
Passam visões dum Céu que eu sonho perto!

Provam-se as almas pelo sacrificio:
A tua fez altar, de eterna esperança,
Do que podia ser um precipicio!

Amôr que, amando muito, é que não cança,
Cada dia que passa é mais profundo,
Quere seja na presença, ou na lembrança!

Por Ti, Mulher, de eterno amôr fecundo,
Valia a pena que meu Pai voltasse,
Para te vêr e amar, a êste mundo!

Por Ti valia a pena que acordasse
O que, de belo, adormeceu na Vida,
E que talvez, Amôr, te adivinhasse!

Por Ti valia a pena que, em seguida
Ao luto duma estrêla que morrêsse,
Logo outra estrêla fôsse esclarecida!

E se merecias a mais alta préce
Que, ao Céu, da Terra escura se elevou,
Por Ti valia a pena que vivesse

A alma humana o seu mais alto vôo!

ÍNDICE

I

CANÇÃO PEREGRINA

	Pág.
Canção Peregrina	13

II

DESTINO

I —	23
II —	25
III —	27
IV —	29
V —	31
VI —	33

	Pág.
VII —	35
VIII —	37

III

ENLÊVO

I —	41
II —	45
III —	47
IV —	51

IV

EXALTAÇÃO

Aquela Consoada	57
No Balcão	63
Partida	71
Marcha Nupcial	77

V

ETERNIDADE

Mulher de Bençam	85
A nossa Manhã	87

	Pág.
Sonho Ocidental	89
As suas Saudades	91
Ternura	93
Sombra	95
Fôgo do Lar	97

VI

ÚLTIMO CANTO

Último Canto	101
------------------------	-----

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA EMPR. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.^{DA},
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 22 DE OUTUBRO DE 1923.



